

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
BACHARELADO EM FILOSOFIA

“AMANTE DA UTOPIA, PARTIDÁRIO DO POSSÍVEL”:
INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE HENRI LEFEBVRE

BRASIL, 2020

KEIDY NARELLY COSTA MATIAS

“AMANTE DA UTOPIA, PARTIDÁRIO DO POSSÍVEL”:
INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE HENRI LEFEBVRE

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharela em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Biella

NATAL, RN

INTEGRANTES DA BANCA DE MONOGRAFIA

PROFESSOR DR. JAIME BIELLA

(Orientador; Departamento de Filosofia – UFRN)

PROFESSORA DRA. MARIA CRISTINA LONGO CARDOSO DIAS

(Departamento de Filosofia – UFRN)

PROFESSORA DRA. AMADJA HENRIQUE BORGES

(Departamento de Arquitetura – UFRN)

*“O filósofo é um escafandrista, que perscruta o não óbvio em meio às obviedades.
Seu instrumento de mergulho é a conversação livre, racional, reflexiva e imaginativa”.*

Jaime Biella.

*“Toda filosofia contém na sua interpretação um certo projeto de transformação do
mundo. Interpretar, era ir além do cumprido”.*

Henri Lefebvre, 1968.

*“Não há nada mais insuportável do que o intelectual que se crê livre e humano, mas
que a cada ato, gesto, palavra ou pensamento revela que nunca deu um passo além da
consciência burguesa”.*

Henri Lefebvre.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Jaime Biella, que me fazia, silenciosamente, dizer “amém” ao final de suas aulas. Ironicamente, isso acontecia pelo fato deste não se portar como semideus, por nos permitir discordar e por nos proporcionar aulas nas quais podíamos pensar. E todo pensamento precisa ser acompanhado de autonomia.

À professora Maria Emilia, uma fonte inesgotável de inspiração, de carinho e de consideração. Por me conduzir à pequenas libertações durante cada conversa que, ao longo de tantos anos, transformaram-se em uma revolução.

À professora Amadja Henrique Borges, que potencializou o meu amor por Henri Lefebvre de uma maneira que eu não consigo colocar em palavras; que me ensinou a amá-lo sem endeusá-lo; a construir um pensamento reflexivo, por meio de um sem número de páginas lidas e discutidas regadas a muito café e zero açúcar.

A Henri. Aliás, sempre sonhei em ter, com ele, uma intimidade que me permitisse chamá-lo apenas pelo primeiro nome. E essa interação ocorre, especialmente, porque nada me gera mais curiosidade do que ler cada parágrafo que ele já escreveu.

Ao grupo Caixa de Pandora (Davi, Éryka, Gabriel Bambam, Jeff e Ronald), onde se encontram todos os males do mundo.

Dedico essa monografia aos meus pais, irmãos e a minha companheira de vida, Íris.

RESUMO

Este texto monográfico tem como objetivo apresentar ao público brasileiro um estudo introdutório ao pensamento espacial do filósofo francês Henri Lefebvre. Este filósofo possui uma extensa obra, que engloba variados temas contemplados pela Filosofia e, aqui, iremos nos pautar, notadamente, em sua tríade dialética sobre o conceito de espaço, esquematizando suas categorias conceituais e discutindo-as quando oportuno. Assim, os conceitos de espaço absoluto, espaço abstrato e espaço diferencial serão sumariamente apresentados, acompanhados de seus respectivos pares dialéticos. Todos os espaços carregam subjacentes possibilidades de transformação do mundo, de uma utopia do possível. E todos os espaços se desvelam como palcos de lutas na medida em que a busca pela apropriação de direitos se apresenta como um desafio diário na teoria lefebvriana. Esperamos, assim, fomentar à reflexão do leitor sobre a nossa atuação no mundo, os vaivéns da vida, as contradições, as lutas por direitos, as revoluções, as tomadas de poder, as urgências, os gritos e os silêncios tão necessários em nosso mundo.

Palavras-chave: Henri Lefebvre. Espaço Social. Vida Cotidiana. O Direito à Cidade.

SUMÁRIO

<i>Nota aos leitores</i>	8
1. PRELÚDIOS	9
2. HENRI, UM HOMEM NO LONGO SÉCULO XX	12
3. A TRÍADE DIALÉTICA ESPACIAL DE HENRI LEFEBVRE	19
3.1. Espaço social	19
3.1.1. Espaço Absoluto	23
3.2.1. Espaço Abstrato	28
4. OS POSSÍVEIS: O ESPAÇO DIFERENCIAL	33
ANEXO I: QUADRO DE TRÍADES ASSOCIADAS	38
ANEXO II: LINHA CRONOLÓGICA DA VIDA DE HENRI LEFEBVRE	39
REFERÊNCIAS	43

Nota aos leitores

Escrever este texto é um grande desafio. Henri Lefebvre é um filósofo que me acompanha há alguns anos; é a razão pela qual escolhi cursar Filosofia. Por isso mesmo, tenho medo de escrever apaixonadamente, de não enxergar as falhas que ele, como todo humano, *tem* — palavra escrita no presente, porque seus pensamentos não morrem. Por outro lado, não acredito em escrita sem paixão. Este texto monográfico está a ser escrito durante a pandemia que assola o mundo em 2020. Não imaginei que pudesse escrevê-lo ainda neste ano, mas quem sabe não se torna uma coisa boa em 2020?! Gostaria de trabalhar com mais conceitos de Henri — permito-me chamá-lo assim, pelo primeiro nome, por uma questão de preferência científica e, talvez, intimidade. Ficaria imensamente feliz com o entendimento do leitor em relação a isso. Gosto do rigor científico, mas gostaria de procurar ser livre em meio às questões menores. Quero que este texto sirva como uma introdução para quem se interessa por aquele filósofo. Certamente, trata-se apenas de um capítulo inicial de uma história que quero escrever ao longo da minha vida. E a continuação virá a seu tempo. Aliás, este é um texto livre, sem amarras; é assim que me sinto melhor para escrever e gostaria de experimentar essa sensação em um texto acadêmico. Claro! Prometo que essa liberdade não comprometerá a pesquisa.

1. PRELÚDIOS

“A velha toupeira, a Revolução, tomou asas e voou. Vamos trazê-la sobre a terra, sob a terra. A Revolução é para reinventar e primeiro para reconhecer! Hoje, o espírito de Prometeu, é aquele que pronuncia: ‘a Revolução, como o amor, é para se reinventar’”.

Henri Lefebvre, 1962¹.

Amante da utopia, partidário do possível, como Henri Lefebvre se definia, é a nossa escolha para intitular este trabalho. Aqui, procuraremos realizar um estudo que nos preencha individualmente e que possa contribuir para o conhecimento dos leitores deste filósofo francês. Decidimos apresentar sua conceituação de *espaço social*, que aparece profundamente no livro *A Produção do Espaço* e, em menor grau, em várias de suas obras. Poderíamos escolher um sem número de conceitos para realizar essa apresentação, tendo em vista a fecundidade da escrita de Lefebvre, mas optamos pela discussão sobre o espaço porque se trata de um tema pouco aprofundado no Brasil, na medida em que sequer existe uma tradução do principal livro de Lefebvre sobre esse tema.

Ao longo deste trabalho, apresentaremos algumas informações sobre a vida de Henri Lefebvre, mas em nenhum momento este texto se apresenta como uma biografia. Assim, no primeiro capítulo, intitulado **Henri, um homem no longo século XX**, nós falaremos sobre as formas de ler Lefebvre, tendo em vista que seu método dialético e a maneira como escrevia seus livros tornam a leitura bastante complexa em determinados pontos de suas obras. Falaremos sobre os caminhos que lhe conduziram à Filosofia, sobretudo porque seu sonho inicial era ser engenheiro naval. Esperamos que esse capítulo também aprofunde a noção de que a vida do homem direcionou a produção do filósofo, na medida em que suas vivências como motorista de táxi nas ruas de Paris, por exemplo, são presenças constantes em seus pensamentos sobre o espaço e a cidade.

No segundo capítulo, intitulado **A tríade dialética espacial de Henri Lefebvre**, esquematizaremos e explicaremos a concepção espacial presente no livro *A Produção do*

¹ Frase retirada de “Introdução à Modernidade” (LEFEBVRE, 1968 [1962], p. 275).

Espaço. Lefebvre realiza uma divisão espacial e temporal da história da humanidade, colocando o capitalismo como um marco negativo em nossa trajetória. A partir da categorização dos espaços, Lefebvre busca maneiras de escapar das amarras do capitalismo e de suas imposições, defendendo a liberdade e a necessidade de rejeição da reprodução das relações de produção que, por sua vez, é o mecanismo que nos transforma em produtos e que tem como objetivo mercantilizar todos os domínios da existência humana. Um esquema apresentado demonstra, didaticamente, a divisão dos espaços e as categorias temporais, assim como cada uma de suas ramificações interiores.

Nesse capítulo, inicialmente iremos apresentar o conceito de espaço social e, em seguida, explanar sobre as duas primeiras categorias espaciais, a saber, o Espaço Absoluto (Era Agrária) e o Espaço Abstrato (Era Industrial), demarcando que o primeiro se reflete em uma convivência harmônica entre as pessoas, onde o valor de uso posicionava os comportamentos sociais, ao passo que o segundo, o Espaço Abstrato, corresponde à era do capitalismo, que objetifica os corpos e as relações sociais e que nos retira direitos fundamentais, inclusive os direitos ao choro e ao riso. Tudo o que vivemos passa a ser vigiado e o ato de chorar, por exemplo, torna-se um demonstrativo de fraqueza e de fragilidade.

A possibilidade de superação do Espaço Abstrato e dessa forma destrutiva de capitalismo será discutida ao longo do capítulo final, intitulado **Os possíveis: o espaço diferencial**. Lefebvre enxerga a utopia de um mundo sem amarras e sem o capitalismo como uma possibilidade real, mas para isso é necessário que as pessoas se apropriem dos espaços e que não deleguem suas escolhas. A alienação é uma característica do espaço abstrato que precisa ser diluída por meio da apropriação. O espaço diferencial é, portanto, um palco de lutas diárias que devemos enfrentar para produzirmos o espaço onde vivemos, fazendo com que a reprodução das relações sucumba diante da plena liberdade. Esse capítulo é, também, a conclusão do texto. Trata-se de um modelo utilizado por Lefebvre e que seguiremos neste trabalho. Ele geralmente não escrevia conclusões em seus textos, posto que seus livros tentam se apresentar como aporias. Em vez de escrever conclusões, ele escrevia sobre as possibilidades de engendrar, por meio dos conceitos discutidos no livro que estava a ser escrito, a realização de um mundo mais justo e que comporte o direito à heterogeneidade — não à igualdade.

Por fim, nos anexos, apresentaremos exemplos de tríades dialéticas discutidas na teoria lefebvriana, tendo em vista que toda a sua obra é abarcada pela composição de pares dialéticos. Assim sendo, nossa intenção é mostrar ao leitor como o pensamento triádico se apresenta como algo essencial em Lefebvre e como ele definiu algumas dessas categorias. Nas derradeiras páginas, no Anexo II, apresentaremos uma linha cronológica com algumas informações sobre a vida e a obra de Lefebvre, demonstrando como as contradições e as polêmicas envolvendo, sobretudo, o Partido Comunista Francês, marcaram a vida do autor.

Nossa intenção, portanto, é a de apresentar de maneira clara e introdutória a teoria espacial de Henri Lefebvre, contribuindo aos leitores interessados, sobretudo, na leitura do livro *A produção do Espaço*, assim como oferecer algumas informações sobre a biografia do autor. Esperamos que, a partir desse texto, o leitor possa refletir sobre as ideias deste que é o maior autor marxista do século XX e um dos mais fecundos filósofos da atualidade e que, com ele, possamos pensar sobre os desafios de produzir o nosso espaço, negando as reproduções e a alienação e solidificando a luta pela liberdade e pela apropriação da Terra.

2. HENRI, UM HOMEM NO LONGO SÉCULO XX

“A propriedade privada se estende às ideias e ao saber! Mais de um cientista deveria desculpar-se por cercar seu jardim para cultivá-lo à vontade”.

Henri Lefebvre, 1972².

Henri Lefebvre (1901-1991) é um entusiasta, um instigador; mordaz, quando julga necessário. É, sobretudo, revigorante. Trata-se de um autor que nos encoraja a pensar e a acreditar na possibilidade de mudar o mundo. Talvez, por isto, seja um autor perigoso. Talvez, por isto, tenha sido esquecido nos rincões das ciências humanas por muitos anos. Obcecado pela escrita, porém um tanto indisciplinado, enfrentou o positivismo e a lógica formal por meio das palavras e a tecnocracia por meio das ações. Trata-se de uma inesgotável fonte de ideias, não necessariamente conclusivas. Aliás, existem alguns traquejos para ler Lefebvre, sem os quais, muitas vezes, o leitor inadvertido pode incorrer na incompreensão e na contradição. Abrir um livro de Lefebvre, copiar a primeira citação à vista e dizer que se trata do pensamento deste filósofo é, talvez, a maior das ingenuidades. Seu método dialético é incompatível com a superficialidade do modernismo³.

Inquieto. Henri era inquieto.

Ele nasceu na França, em Hagetmau, nos Pirineus, em uma comuna da região da Aquitânia, e é considerado um dos maiores filósofos marxistas do século XX; é autor de uma extensa obra, composta por 75 livros, um recentemente descoberto⁴, e mais de 100 artigos publicados. Tal obra versa sobre um sem número de conceitos, de previsões e de teses. Rémi Hess, aluno de Lefebvre e principal estudioso de sua obra, acertadamente,

² Frase retirada do livro “Espaço e Política” (2008 [1972], p. 17).

³ Para Lefebvre, o modernismo é “a consciência que tomaram de si mesmas as épocas, os períodos, as gerações sucessivas; o Modernismo consiste, pois, em fenômenos de consciência, em imagens e projeções de si, em exaltações feitas de muitas ilusões e de um pouco de perspicácia. O Modernismo é um fato sociológico e ideológico. É descoberto *in statu nascendi* [em estado de gestação/embrionário], com suas pretensões e seus projetos fantasiosos, na imprensa. É reconstituído nas exposições” (LEFEBVRE, 1969 [1962], p. 4).

⁴ Escrito em 1974, mas publicado somente em 2014; alguns estudiosos acreditam que se trata de um capítulo perdido de *La Production de l'Espace*. O manuscrito está em língua francesa, mas a única publicação dessa obra é em língua inglesa.

escreveu que seu mestre viveu uma “aventura do século”⁵, afinal, Lefebvre testemunhou a Primeira Grande Guerra (1914-1918), a Revolução Russa (1917), a ascensão do Nazi-Fascismo, a Segunda Grande Guerra (1939-1945) e a queda do Muro de Berlim (1989).

“Sua mãe era Bearnaise⁶, com um pouco de sangue basco; seu pai tinha raízes na Bretanha e na Picardia. Em seus próprios termos, seu pai deu-lhe um corpo robusto e atarracado; a mãe, um rosto comprido, quase ibérico. Isso o levou a ser descrito como tendo ‘a cabeça de Dom Quixote no corpo de Sancho Pança’” (ELDEN, 2004, p. 2). Visando ser um engenheiro, Henri foi estudar no *Lycée Louis-le-Grand*, em Paris. Entretanto, em decorrência de uma doença, a saber, a pleurisia, teve de mudar de região e, com isso, de área de estudo. Somente em *Aix-en-Provence* é que passou a estudar Filosofia, dedicando-se, inicialmente, ao estudo de Cornelius Otto Jansen (1585-1638) e de Blaise Pascal (1623-1662) (ELDEN, 2004).

Sua obra era sua vida⁷. Não existia um homem e um pesquisador; o homem e o pesquisador não conseguiam e não queriam se separar. Tudo o que acontecia com o homem se tornava objeto de estudo do pesquisador. Henri trabalhou como motorista de táxi, e essa experiência o levou a refletir profundamente sobre o cotidiano. Ele se considerava um “filósofo-taxista-existencialista” repleto de “aventuras e de desventuras”. Dizia ter sondado “algumas das profundezas fedorentas da ‘existência’” (LEFEBVRE, 1968a, p. 10). Afirmou que “o submundo de Paris se desenrolou em toda a sua variedade desprezível e ele começou a descobrir os segredos de seus bordéis, boutiques e casas de jogo, salões de dança (para brancos e negros), hotéis elegantes [...], negociantes obscuros, grandes e pequenos pederastas, casas de apostas, ladrões armados e esquadrões da polícia” (LEFEBVRE, 1968a, p. 10).

A união entre o homem e o pesquisador se mostrou ainda mais forte quando Lefebvre sofreu um acidente de automóvel e decidiu parar de ser taxista, passando a ser professor. Foi nesse período que ele passou a estudar a lógica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) e, a partir de Hegel, conheceu Karl Marx (1818-1883). Animado com essas novas descobertas, Lefebvre fundou *La Revue Marxiste*, considerada uma das primeiras revistas marxistas na França (ELDEN, 2004). Conhecer Marx mudou a vida de

⁵ Parte do título da biografia de Lefebvre, escrita por Rémi Hess, publicada em 1988.

⁶ Béarn é uma província francesa, localizada nos Pirineus.

⁷ LEFEBVRE, Henri. **De l'Etat**, Paris: UGE, 4 volumes, 1976-78, II, p. 255.

Lefebvre, posto que ele nunca negou o Marx inconcluso; histórico. “Lefebvre tem presente, e recusa, um Marx falsamente acabado, postiçamente concluído, fetichizado. Na verdade, capturado pelo poder, na necessidade de apresentá-lo como inventor de um sistema — um Marx marxista, adepto e justificador do marxismo oficial, do marxismo de Estado” (MARTINS, 1996, p. 13). Sendo assim, Lefebvre é uma espécie de prolongador, não um repetidor, do pensamento marxista. Com Marx, Lefebvre aprendeu que toda existência precisa ser, *também*, uma existência política.

Como dominava a língua alemã, Lefebvre passou a traduzir os textos de Marx para a língua francesa e, com isso, passou a ser uma das principais vozes marxistas na França. Interessa destacar que Lefebvre era um profundo crítico do pensamento francês. Em *Introdução à Modernidade*, em tom jocoso, ele acentua que a França carece de uma identidade própria, dentre outros motivos, porque

a Revolução Francesa vestiu a toga romana e se proclamou a favor das virtudes antigas, e isso parece ter preparado harmoniosamente o caminho para o Império, com todas as suas memórias de grandeza cesária. O romantismo francês era uma importação estrangeira da Alemanha e da Inglaterra, os dois países mais odiados. Quanto aos primeiros românticos franceses, seguiram os passos de Madame de Staël⁸ e de Chateaubriand e declararam-se abertamente monarquistas, legitimistas, católicos; em uma palavra, reacionários (LEFEBVRE, 1995 [1962], p. 241).

Nos panfletos comunistas nos quais escrevia artigos, Henri teceu variadas críticas ao regime de Vichy e, com isso, passou a ter vários inimigos poderosos. Em 1953, ele foi excluído do *Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*, sob a desculpa de que não possuía doutorado. Seus admiradores fizeram uma campanha para que ele pudesse ser readmitido, o que posteriormente aconteceu (ELDEN, 2004). Em 1963, publicou sua longa tese de doutorado sobre a sociologia rural francesa. Como um bom marxista, Henri buscava analisar a história considerando todos os seus períodos de tempo, não realizando estudos cujo recorte temporal fosse minúsculo, como se costuma, *atualmente*, realizar. Assim sendo, ele desenvolveu uma intensa pesquisa sobre o Vale de Campan, ao Sul da França.

⁸ Anne-Louise Germaine de Staël-Holstein (1766-1817) foi uma ensaísta e romancista francesa.

Em 1928, filiou-se ao Partido Comunista Francês (PCF), contudo, não demorou a se desencantar com as incongruências entre o que era escrito, falado e o que era realizado, até que, em 1958, deixou oficialmente o partido. Após sair do PCF, Lefebvre começou uma nova etapa de sua vida e se aliou aos situacionistas e, posteriormente, aos maoístas. Não obstante essas divagações, Lefebvre nunca deixou de ser marxista e, a partir de seus estudos sobre Marx, em sua tese de doutorado, fundamentou o “método regressivo-progressivo”, que objetivava analisar o presente por meio de uma visita ao passado, visando uma compreensão dos possíveis (o futuro). A partir de sua tese, também é possível perceber a aversão que Lefebvre tinha do estudo das partes. As partes, em si, nada dizem; não se pode compartimentalizar o conhecimento.

A solução para o problema das partes e da ciência parcelar é denominada de *transducção*. O pensamento transductivo é ancorado no movimento, na dinâmica da dialética e no abandono dos pequenos recortes temporais. É óbvio que, para problematizar o todo, é necessário pensar sobre as partes. O problema não é pensar sobre as partes, mas reduzir o todo às partes, ou seja, realizar o estudo demasiado de um objeto e esquecer o contexto que o engloba, posto que isso significa esquecer, propriamente, a realidade social. Essa característica fez com que Lefebvre pensasse e escrevesse sobre inúmeros temas, dentre os quais: vida cotidiana, espaço social, sociologia rural, modernidade e modernismo, a cidade e o urbano, a dialética, a tecnocracia, o dogmatismo, a linguagem, as lógicas formal e dialética, a filosofia de Friedrich Hegel, Karl Marx e Friedrich Nietzsche (1844-1900) etc.; em menor escala, escreveu sobre música, arte, linguagem, terrorismo⁹, a sociedade do plugue¹⁰, a pós-verdade¹¹ etc. Em resumo, não obstante ter concluído o curso universitário na área de Filosofia e de ter concluído seu doutorado na área de Sociologia, Lefebvre escrevia sobre quase tudo — algo que ainda nos surpreende durante as leituras realizadas.

Indicamos outras duas características que acompanham sua trajetória como escritor: o apreço pelo que chamava de *dialética da tríade* e a sua capacidade de mudar

⁹ Nesse caso, trata-se do terrorismo imposto pelas instituições de pesquisa que, muitas vezes, cobram produtividade em vez de qualidade nos textos acadêmicos.

¹⁰ Uma previsão de nossa atual sociedade, quando o mundo, muitas vezes, é reduzido à tela de um telemóvel ou de um computador.

¹¹ Apesar de não utilizar este termo, Lefebvre escreve sobre o que convencionou-se denominar de *pós-verdade* no livro “Introdução à Modernidade”, de 1968 [1962].

de posições ao longo da escrita. Em outras palavras, Henri não se portava como um filósofo engessado, refém de suas posições. Ao contrário, ele estudava e escrevia sobre determinado tema, mas admitia poder mudar de opinião sobre o mesmo tema em livros posteriores, sendo assim, não se estuda o pensamento de Lefebvre sem indicar a obra e o período de escrita desta, sob o risco de cair em contradição ao indicar a existência de um pensamento que, futuramente, fora por ele superado. Era comum que ele declarasse que seu trabalho mudava consoante o mundo se transformava.

Como um prolongador de Karl Marx, conforme se colocava, Lefebvre era adepto do pensamento dialético — sobre isso, o pensador norte-americano Edward Soja (1993) conceituou de *trialeética* —, mas ficaremos aqui com a denominação lefebvriana de *dialética da tríade*. Em todas as obras de Lefebvre com as quais tivemos contato até o momento da escrita deste texto, ele se utiliza de tríades para compor seu pensamento — essas tríades possibilitam, e aqui seremos redundantes, o *dinamismo dialético*, ou seja, a *transdução*, como conceituava Lefebvre.

O pensamento reflexivo, portanto, filosófico, insistiu por muito tempo nas díades. O seco e o úmido, o grande e o pequeno, a ordem e a desordem, o finito e o infinito, na antiguidade grega. Depois, aqueles que constituem o paradigma filosófico do Ocidente: sujeito-objeto, contínuo-descontínuo, aberto-fechado e assim por diante. Finalmente, nos tempos modernos, as oposições binárias do significante e do significado, do saber e do não saber, do centro e da periferia, e assim por diante (LEFEBVRE, 1983 [1980], p. 161).

Com Hegel e sua dialética, esse paradigma díade começou a ser superado, tendo em vista que as tríades procuram explicar a sociedade de maneira mais criativa. “Onde o infinito encontra o finito, existem três dimensões, por exemplo, as do espaço, as da música (melodia, harmonia, ritmo), as da linguagem (frase, paradigma, simbolismo), etc.” (LEFEBVRE, 1983 [1980], p. 161). Nas derradeiras páginas deste texto, no “Anexo I”, o leitor poderá acompanhar algumas das principais tríades lefebvrianas. Podemos assegurar que resulta impossível uma compreensão do pensamento de Lefebvre sem considerar que a sociedade é explicada por meio de categorias.

Interessa destacar que Henri não costumava escrever seus próprios livros. Ele os ditava às suas secretárias — ou Nicole Beaurain, sua esposa, quando da escrita de *Toward an Architecture of Enjoyment* (2009 [1973]). Essa particularidade gerou alguns problemas

no que diz respeito à pontuação e ao entendimento de sua escrita. Muitos livros resultam em obras de difícil tradução, tendo em vista, especialmente, os problemas na pontuação. Alguns conceitos, como é o caso daqueles de *habitar* e *habitat*, por vezes, confundem-se e se mostram confusos, posto que parece que onde deveria ser escrita uma palavra foi escrita a outra etc. Por esse motivo, sua escrita, às vezes, é repetitiva¹².

Por fim, interessa destacar que a maior característica da obra lefebvriana é o apreço à *práxis*. *Práxis* é o ato político de agir em sociedade; é uma utopia dos possíveis. Em outras palavras, não existe *um pensar por pensar*; é preciso agir e se desenclausurar — esse era o teor de sua crítica a Louis Althusser (1918-1990), a quem acusava de não atuar diretamente em projetos de transformação social —, pois os pensadores não podem se considerar semideuses alheios às emergências da sociedade¹³. Aliás, o teor do mal-estar entre Lefebvre e Althusser pode ser percebido nas palavras de Rémi Hess (2001, p. XI): “se Lefebvre comenta com frequência sobre Althusser, este parece ter morrido sem ter descoberto que Lefebvre existiu”.

Não obstante tantas polêmicas, interessa destacar que o mal-estar entre Lefebvre e Althusser é resultado da maneira como Henri enxergava o mundo: a teoria pela teoria é vazia. Lefebvre estava profundamente incomodado com a especialização dos espaços, com a redução dos encontros e das reuniões — fenômeno gerado pela funcionalização das atividades sociais — e com a extrema rentabilidade de tudo. Dizia que os espaços estavam a ser vendidos como um quilo de açúcar (LEFEBVRE, 1972¹⁴)¹⁵.

“O espaço especializado é um espaço morto”¹⁶. Essa segregação¹⁷ é ocasionada, provavelmente, pelo fato de sermos constantemente levados a pensar um período com os conceitos de períodos passados. Isto porque os fatos são mais ligeiros do que o pensamento sobre os fatos. Essa realidade social massacrada pela cotidianidade dispersa os sujeitos sociais concedendo, aos operários, um lugar; aos executivos, outro lugar. A

¹² Lefebvre ditava suas ideias de maneira muito acelerada, o que podemos notar em sua entrevista ao *L'Office National du Film du Canada*, algo que, certamente, prejudicava suas datilógrafas.

¹³ Todas essas informações são resultado de leituras e conversas realizadas ao longo dos anos no Grupo de Estudos em Reforma Agrária e Habitat, do Departamento de Arquitetura da UFRN (GERAH-LEFEBVRE).

¹⁴ Entrevista concedida a Michel Régnier (1972), *L'Office National du Film du Canada*.

¹⁵ Sobre a “comercialização de tudo”, indicamos o seguinte livro: LEFEBVRE, Henri. **Toward an architecture of enjoyment**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2014.

¹⁶ Entrevista concedida a Michel Régnier (1972), *L'Office National du Film du Canada*.

¹⁷ Henri Lefebvre utiliza a palavra “segregação” como um conceito amplo, não definido.

longo prazo, isto gera um profundo distanciamento entre as pessoas e seus direitos básicos (LEFEBVRE, 1972)¹⁸; esse fosso precisava e precisa ser combatido. Lefebvre precisa ser lido como um homem de seu tempo; como uma pessoa profundamente incomodada com os teóricos que somente escreviam, mas que não participavam dos fervorosos debates sobre a vida urbana. “O pensamento de Henri Lefebvre está intimamente ligado ao seu compromisso político. Como Karl Marx, cuja intenção não era apenas interpretar ou comentar o mundo, mas contribuir para sua transformação, toda a obra de Lefebvre, que é extraordinariamente densa, está impregnada de um desejo semelhante” (COSTES, 2011, p. 1) — e talvez a mais importante contribuição nesse sentido tenha sido sua incitação ao Maio de 1968, embora muitos de seus textos sobre esse acontecimento tenham sido censurados.

Por fim, em *La Somme et le Reste*, de 1959, Henri Lefebvre escreveu sobre si próprio, em terceira pessoa, e nós gostaríamos de retomar um desses trechos para concluir este primeiro capítulo: “*nasceu em 1901, de família pertencente à classe média. Com uma educação fortemente religiosa (católica). Jovens atormentados, rebeldes, anarquistas. Encontrou o equilíbrio por volta de seu trigésimo ano no e por meio do marxismo. Não seguiu uma carreira regular, seja universitária ou não. Atualmente, é encarregado de pesquisas no Centre National de la Recherche Scientifique, seção de sociologia. Vê a filosofia como uma consciência crítica da vida real. Coloca o teatro acima da filosofia (como ele o concebe, não como ele é!). Cumpriu apenas uma pequena parte do programa de vida e obra que planejou. Não espera chegar ao fim*” (LEFEBVRE, 1989, [1959], p. 394).

¹⁸ Entrevista concedida a Michel Régner (1972), *L'Office National du Film du Canada*.

3. A TRIÁDE DIALÉTICA ESPACIAL DE HENRI LEFEBVRE

“Alter-ego: — Utopista!

Lefebvre: — Com efeito. Não considero essa palavra uma injúria. De fato: visto que não ratifico as opressões, as normas, os regulamentos e regras, visto que enfatizo a apropriação, visto que não aceito a "realidade", e que para mim o possível faz parte do real, então sou um amante da utopia. Não digo utopista, veja bem. Amante da utopia, partidário do possível. Quem não é, exceto você?”.

Henri Lefebvre (1968¹⁹, p. 203)

3.1. Espaço social

“O Espaço! Não faz muitos anos que esse termo tão somente evocava um conceito geométrico, o de um meio vazio. Nos círculos instruídos, era acompanhado por algum epíteto culto, como ‘euclidiano’, ‘isotrópico’ ou ‘infinito’. Em geral, pensava-se que o conceito de espaço englobava a matemática — e somente ela” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 63). Um dos responsáveis pela superação desse conceito restrito de espaço é Henri Lefebvre que, por sua vez, atuou no sentido de incluir as pessoas no espaço, atribuindo-o, definitivamente, o seu caráter social. Assim, afirmamos que todo o espaço é social. É com essa acepção e com os conceitos dela derivados que iremos trabalhar durante este capítulo. Interessa destacar que “analisar o espaço social é considerar, antes de mais, a maneira como a natureza é moldada pela atividade colectiva” (FERNANDES, 1992, p. 61) e, sobre isso, é necessário que tenhamos em mente que a conceituação lefebvriana engloba perspectivas diacrônicas e sincrônicas, sobretudo porque ele não realiza uma separação do duplo espaço-tempo — e é também por isso que o espaço é social: porque se mistura ao tempo.

O espaço representa simultaneidade, a ordem sincrônica da realidade social.

Tempo, por outro lado, denota a ordem diacrônica e, assim, o processo

¹⁹ Trecho retirado do livro “Vida cotidiana no mundo moderno” (LEFEBVRE, (1991 [1968b], p. 203).

histórico da produção social. Sociedade aqui não significa nem uma totalidade espaço-temporal de “corpos” ou “matéria”, nem uma soma total de ações e práticas. São centrais para a teoria materialista de Lefebvre, os seres humanos em sua corporeidade e sensualidade, sua sensibilidade e imaginação, seus pensamentos e suas ideologias; seres humanos que entram em relações entre si por meio de suas atividades e práticas (SCHMID, 2012, p. 91).

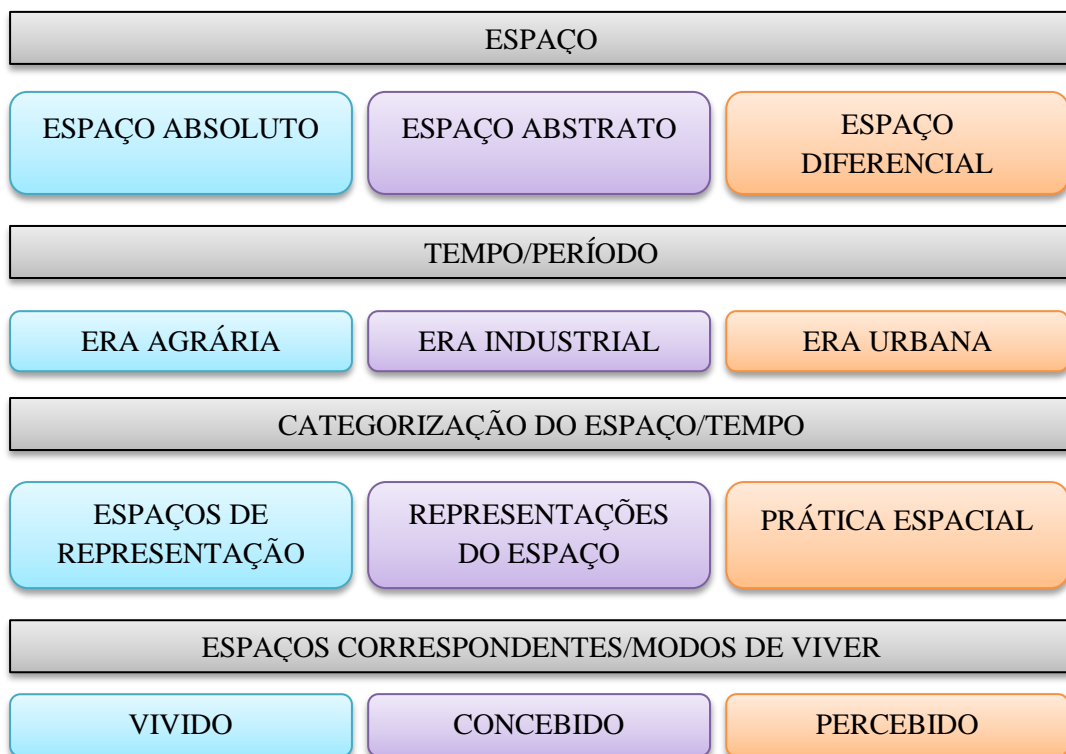
“Nenhum espaço chega a desaparecer por completo; nenhum espaço é abolido sem deixar rastros. Mesmo Troia, Susa ou Leptis Magna persistem como espaços superpostos, ocupados pelas sucessivas cidades” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 212). Considerando essas particularidades do espaço social, Lefebvre (2013b [1985], p. 123) afirma que é impossível tratar o espaço como um “contentor sem conteúdo”, ou seja, como algo dado, vazio e que nada diz. O espaço fala e, assim sendo, todo o espaço é social consoante ser produzido pelas ações humanas. Não há espaço que esteja alheio a essa perspectiva, seja ele um espaço de representação, uma representação do espaço ou uma prática espacial. O espaço é produzido porque existe uma ação humana sobre a primeira natureza; a essa ação Henri Lefebvre denomina de “trabalho”. Assim sendo, “a natureza não trabalha; e esta é uma de suas características: a natureza cria” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 127). Por sua vez, “o ‘homem’, isto é, a prática social, cria obras e produz coisas” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 127). Em outras palavras, a primeira natureza não consegue refletir sobre a sua razão de ser, mas mesmo assim cria obras; o homem, por sua vez, ciente de sua capacidade criadora e de suas necessidades, é capaz de criar e de reproduzir, utilizando-se da primeira natureza para gerar uma segunda natureza, oriunda de sua ação (LEFEBVRE, 2013 [1974]).

Assim como o rumo da história, o espaço está em constante movimento. É nesse contexto que a concepção triádica da teoria espacial lefebvriana pode ser melhor compreendida. Em outras palavras, Henri Lefebvre concebe a história humana como um *todo*, mas ele a divide em três grandes *partes*, conceituando-as com base nos processos históricos que as caracterizam. Dessa forma, Lefebvre realça três grandes recortes espaciais que, respectivamente, carregam consigo três grandes recortes temporais, denominados de *eras*:

(LEFEBVRE, 2008 [1970], p. 13; itálico no original). A sociedade urbana é o resultado da sociedade industrial, pelo que se explica ser possível encontrar as duas eras convivendo mutuamente. Na verdade, no livro *A Revolução Urbana* (2008 [1970]), Lefebvre aponta que a sociedade urbana é *pós-industrial*, mas que prefere utilizar a denominação de *sociedade urbana* para que esse momento seja melhor demarcado.

Por fim, interessa destacar que a denominação do tempo, na obra lefebvriana, segue duas ramificações claras: ele denomina de *período* a longa duração da história; as três eras são períodos. No interior desses períodos existem as *fases*, que demarcam as transições de um período para outro. Além disso, cada grande período possui uma combinação triádica, como podemos perceber no esquema que se segue:

Composição esquemática da tríade dialética do conceito de espaço social



Esquema 1 – elaboração de Keidy Matias (2020).

3.1.1. Espaço Absoluto

Que é o espaço absoluto de Henri Lefebvre? O espaço absoluto é, pontualmente, um espaço teopolítico. Trata-se de um espaço que aparece, em essência, durante a Antiguidade. “É no espaço absoluto que a vida humana está mais intimamente ligada a uma ‘primeira natureza’, seus ritmos e suas forças” (BUTLER, 2003, p. 95). Lefebvre (2013 [1974], p. 278) nos diz que “o espaço absoluto, religioso ao mesmo tempo em que é político, implica instituições religiosas que o submetem a dois grandes procedimentos: a identificação e a imitação. Essas categorias mentais, destinadas a se converterem em categorias do imaginário e do pensamento reflexivo, aparecem como formas espaciais”; elas são importantes na teoria lefebvriana, sobretudo, porque revelam uma espécie de realização do mental e desvelam uma dupla forma de existência do espaço absoluto.

Por um lado, o espaço absoluto não tem senão uma existência mental, assim pois, “fictícia”; mas, por outro lado, também tem uma existência social, uma “realidade” específica e poderosa. O “mental” se “realiza” em uma concatenação de atividades “sociais”, porque a ficção se torna realidade no Templo, na Cidade, nos monumentos e nos palácios (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 291).

Mas o que isso significa? Significa que o espaço absoluto é o mental realizado e que tal realização precede de uma ação humana — essa realização corresponde a uma produção do espaço. Se o mental se torna real nos monumentos, torna-se também real nos textos, ou seja, tudo o que existe no mundo sensível é oriundo de uma realização mental que, por sua vez, não aparece do nada; não é um estalo. Trata-se sempre de uma confluência entre o real e o mental, como se um levasse ao outro até que se tornem a mesma categoria. O espaço absoluto corresponde “ao espaço dos santuários”. Trata-se, inclusive de “um pequeno templo, uma modesta capela em uma aldeia. Quanto ao espaço dos túmulos, quando não alberga a um deus ou a um rei, assemelha-se ao nascimento, morte e esquecimento” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 278). Em outras palavras, o espaço absoluto lefebvriano corresponde ao mundo dos vivos e ao mundo dos mortos, em um tempo da história humana no qual o valor de uso e a prática social ajudam a explicar a relação entre as pessoas e a natureza.

Ritualmente vinculável a qualquer lugar e, em consequência, susceptível a desprender-se dos lugares, o caráter “absoluto” tem necessidade de uma marca que o identifique. Engendra formas e as formas o albergam. Essas formas são

compêndios do universo: o quadrado (a mandala), o círculo, a esfera, o triângulo, um volume racional ocupado pelo princípio divino, a cruz etc. (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 278).

A produção do espaço absoluto possibilita a existência dessas formas apresentadas por Lefebvre. Estas aparecem como tumbas, templos e outros monumentos, mas aparecem, especialmente, como textos que, por sua vez, estão grafados nessas tumbas, nesses templos e nesses monumentos. Isso ajuda a explicar a intensa relação que a produção escrita dos antigos possui com o espaço absoluto lefebvriano. Sabemos que a “realização do mental”, mencionada por Lefebvre, engloba a produção do espaço absoluto na medida em que as pessoas passam a produzir esses monumentos como maneiras de tornar suas necessidades na outra vida palpáveis, especialmente em sociedades cuja ideia de ateísmo não existe. Em *Toward an Architecture of Enjoyment* (Rumo a uma Arquitetura do Prazer, em tradução livre), livro recém-publicado, Henri Lefebvre explica as nuances da estreita correlação entre os vivos, os mortos e as necessidades destes em relação à monumentalização. Lefebvre defende que as marcas que identificam o espaço absoluto como tal são, sobretudo, sociais. Mesmo quando consideramos a dupla existência “fictícia” e real do espaço absoluto, temos de perceber que o fictício é a existência por excelência; o real, no espaço absoluto de Lefebvre, é o mental realizado.

Não existe uma arquitetura da morte, apenas uma arquitetura dos ritos fúnebres. Esses ritos são de origem social, surgem em uma sociedade particular, que mantém um relacionamento com aqueles que não estão mais com eles, seus ancestrais e, às vezes, seus fundadores. Inexpressível, irreversível, a morte não cria nada, não nos permite construir nada. Os ritos funerários têm um significado preciso: eles nos impedem de esquecer, mas o mais importante é que eles garantem que os mortos não podem causar danos e podem até nos olhar com favor (LEFEBVRE, 2014, p. 6).

Lefebvre nos ajuda a identificar a dimensão social do espaço absoluto na medida em que nos faz perceber que, mesmo um espaço que, magicamente, deva ser praticado somente pelos mortos, pode ser utilizado pelos vivos. Assim, o mundo dos mortos possui uma concepção utilitarista tanto para mortos (que poderão acessar à vida eterna) quanto para vivos (que poderão se libertar de quaisquer ameaças que os mortos possam representar).

Os mortos são classificados entre os poderes ctônicos ou cósmicos e, como tais, são potencialmente perigosos. Eles podem buscar vingança por uma lesão ou injustiça experimentada durante sua vida, por quaisquer insultos que possam ter ocorrido após sua morte, e até mesmo pela falta de lembrança, de veneração. Ritos funerários protegem os vivos; eles exorcizam o falecido e a morte em geral. Eles dependem de religião ou magia ou ambos. A arquitetura acomoda tais gestos, ritos, cerimônias fúnebres, processos, purificações, ofensas. Isso lhes proporciona um espaço e os torna possíveis (LEFEBVRE, 2014, p. 6).

O espaço absoluto, portanto, é incompatível com as sociedades *industrial* e *urbana*. Não há espaço para muita sincronia no mundo contemporâneo. O curso da História existe e, em nenhum momento, Lefebvre pretende cultivar um momento em detrimento de outro. Seu objetivo, portanto, consiste em identificar as mudanças que marcam o tempo e que nos permitem identificar claramente que rompemos um elo com o passado, ou seja, que passamos por uma *fase*.

Em 1980, Henri Lefebvre publicou o livro *La Présence et l’Absence: contribution à la Théorie des Représentations*. Nessa obra, Lefebvre assegura que o debate sobre as representações requer uma reflexão sobre a presença da ausência, tendo em vista que toda representação é, em essência, “o duplo e o esquecimento da presença, o substituto que substitui o desaparecimento, assumindo diferentes formas (reflexão, imagem, sinal etc.)” (LEFEBVRE, 1983 [1980], p. 271). No espaço absoluto, os monumentos são testemunhos materiais da presença da ausência, ou seja, daquilo que não deve ser esquecido. Essa ideia se intensifica na medida em que constatamos que todo texto da Era Agrária é, primeiramente, uma imagem que, por sua vez, “tenta ter acesso à presença. Ele quer surpreender ou retomar uma presença perdida, ou suspender a ausência. Isso explica o seu lado mágico” (LEFEBVRE, 1983 [1980], p. 257). A imagem possui um lugar fundamental nessas sociedades; a imagem assusta, comunica, é vetor de propaganda e de salvação. Todo texto é também uma imagem, tanto comunica textualmente quanto do ponto de vista iconográfico. Dessa forma, na medida em que as pessoas recorrem aos textos e aos monumentos, elas almejam garantir a presença de seu passado por meio das representações.

No espaço absoluto, as representações são caracterizadas pela dimensão mágico-religiosa da sociedade — a relação entre a natureza e as representações aparece como

uma “realidade sensível e vivida, e que desaparece nos países industriais” (LEFEBVRE, 1983 [1980], p. 268). Para Lefebvre (1983 [1980], p. 268), “o pensamento mágico se torna imaginação quando as palavras que as imagens estimulam pela ausência evocam o distante e conferem uma presença. A imaginação tem alguma magia e a restaura na experiência”. O acesso à presença ocorre por meio das representações, mas interessa destacar que *presença* e *representação* não são sinônimas, haja vista que a *presença* (da ausência) é sempre irreal/abstrata, ao passo que a *representação* (textos, monumentos etc.) é real/concreta (LEFEBVRE, 1983 [1980]). Essa ideia ajuda a explicar a íntima relação entre o espaço vivido e o espaço de representação que caracteriza o espaço absoluto.

Os **espaços de representação** se relacionam ao **espaço vivido**. “Não se submetem às regras de coerência, nem às de coesão. Penetrada pelo imaginário e simbolismo, a história constitui sua fonte, a história de cada povo e de cada indivíduo que a pertence” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 100). O espaço de representação é

vivido, falado; tem um núcleo ou um centro afetivo: o Ego, a cama, o quarto, a morada ou a casa; a praça, a capela, o cemitério. Contém os lugares de paixão, [...] aqueles de situações vividas e, portanto, imediatamente inseridas no tempo. Desta forma, é possível atribuir diferentes qualificações: o espaço de representação pode ser direcional, situacional ou relacional, na medida em que é essencialmente qualitativo, fluido e dinâmico (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 100).

O espaço vivido, na medida em que permite a completa manifestação das pessoas, porta-se como um caminho para a diluição das barreiras entre o vivido e os outros dois espaços. Dessa forma, por meio da apropriação da vida cotidiana é que é possível escapar dos grilhões da propaganda, dos tecnocratas e do capitalismo e, efetivamente ter direito à cidade, à vida, à liberdade. Em resumo, a experiência vivida é tão relacionada com o espaço de representação porque este “é o espaço da imaginação e do simbólico dentro de uma existência material. É o espaço de usuários e habitantes, onde se aprofunda a busca por novas possibilidades de uma realidade espacial” (LOREA, 2013, p. 16).

Na Era Agrária, a natureza como obra foi transformada pela ação humana; foi transformada em política, em economia e em religião. “Desta forma, o espaço é ao mesmo tempo consagrado e salvaguardado no que diz respeito aos poderes benéficos e maléficos:

mantém os aspectos que podem favorecer à continuidade social e remove tudo o que possa ser perigoso demais” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 93). Esse caráter mágico-religioso dos espaços de representação somente encontra paradoxos no espaço absoluto, pois “se precisa que o espaço, natural e social, prático e simbólico, apareça povoado por uma realidade superior” (Lefebvre (2013 [1974], p. 93).

A tríade “espaço absoluto-espaços de representação-vivido”, em resumo, “é um fragmento do espaço agro-pastoral: um conjunto de lugares nomeados e trabalhados pelos camponeses ou pelos pastores nômades ou semi-nômades”. Ocorre que, “em um dado momento, uma parte desse espaço recebe um destino diferente, devido à ação dos senhores ou conquistadores. Desde então, ele anseia por ser transcendente, sagrado (marcado por poderes divinos), mágico e cósmico” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 175).

O paradoxo é, no entanto, que tal espaço não deixa de ser percebido como natureza; além disso, seu mistério, sua natureza dual — o caos e a maldição — são atribuídos às forças da natureza, embora a ação do poder político nela exercida a afaste do contexto natural, adquirindo seu novo significado através dessa ruptura (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 175).

No espaço absoluto reina o valor de uso em detrimento do valor de troca. É nesse espaço que a compartimentalização do cosmos se torna impossível, ou seja, todas as partes formam um único conjunto: o todo (o mundo). O fato de ser um *espaço vivido/espaço de representação* difere o espaço absoluto dos espaços abstrato e diferencial.

O espaço absoluto é também, e acima de tudo, um espaço tanático: um espaço de poder absoluto sobre os vivos (que um único soberano detém). O espaço das tumbas, dos monumentos fúnebres, pertence, portanto, ao espaço absoluto, com um duplo caráter: beleza formal e conteúdo aterrorizante. A beleza formal nos leva ao mausoléu, ao monumento vazio, porém de prestígio. O conteúdo aterrorizante nos leva a um lugar encantado, povoado pelos mortos-vivos (LEFEBVRE 2013, [1974], p. 277).

Tais características são dissolvidas ao final do feudalismo, com o surgimento da sociedade industrial, na medida em que deus perde sua centralidade histórica. “Em todas as sociedades, um pouco por toda parte, o espaço absoluto é carregado de sentidos que não são direcionados ao intelecto, mas ao corpo, através de ameaças, sanções e emoções vivenciadas cotidianamente. É um **espaço ‘vivido’, não concebido, um espaço de**

representação e não de representação do espaço” (LEFEBVRE 2013, [1974], p. 277; realce nosso). Interessa destacar que, para o surgimento de uma nova dinâmica social, a anterior não desapareceu por inteira, pois “o espaço social é múltiplo: abstrato e prático ao mesmo tempo, imediato e mediato. Assim, o espaço religioso não desapareceu com o advento do espaço comercial, mas permaneceu por muito tempo como espaço das palavras e do conhecimento. Ao lado dele, e mesmo dentro dele, havia lugares para outros espaços: o das trocas, o do poder” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 305).

3.2.1. Espaço Abstrato

Que é essa abstração do espaço? Quais são as suas características? Antes de mais, interessa destacar que o espaço abstrato corresponde, grosso modo, à Era Industrial; trata-se do espaço produzido pelo sistema capitalista. Trata-se de um “curioso espaço, pois é [aparentemente]²⁰ homogêneo e, ao mesmo tempo, é composto por guetos. Transparente e aparente: trapaceiro. Falsamente verdadeiro e ‘sincero’: não é o objeto de uma falsa consciência, ao contrário, é o lugar e o meio que engendra (produz) a falsa consciência” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 346). Henri Lefebvre (2013 [1974], p. 322) acentua que o espaço abstrato “é o produto da violência e da guerra; é político e instituído por um Estado, portanto, é institucional. À primeira vista, parece homogêneo. Com efeito, serve de instrumento às forças que fazem uma tábula rasa de tudo o que lhes resiste e ameaça, em suma, as diferenças”.

Por um lado, o espaço abstrato [...] é um campo de ação prática e, por outro, um conjunto de imagens, signos e símbolos. Por um lado, é ilimitado, na medida em que é vazio, mas, por outro lado, é povoado de contiguidades, proximidades (proxemias), distâncias e limites emocionais (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 324).

Em outras palavras, o espaço abstrato é o da aparente uniformização da vida social; da militarização social que o capitalismo procura fazer com todas as pessoas. Para os capitalistas, trata-se de impor a mesma moda, de reproduzir os mesmos pensamentos ou mesmo o completo abandono do pensar. O viver deixa de existir e passa a ser uma mera repetição dos dias, dos valores, dos salários, da inexistência de convulsões sociais,

²⁰ Inserção nossa com o objetivo de retirar uma possível contradição dos parágrafos que se seguem.

da alienação da vida e do trabalho. Esse espaço abstrato é tudo aquilo que os tecnocratas querem para a população, tendo em vista que a reprodução das relações de produção e a ausência da criatividade são algumas das mais eficazes formas de perpetuação do poder capitalista. O espaço abstrato é, aparentemente, o esvaziamento completo da criatividade. Lefebvre (2013 [1974], p. 323), contudo, adverte que “o espaço abstrato não é homogêneo. Ele simplesmente tem a homogeneidade como meta, objetivo e orientação. Ele o impõe. Mas, em si, é um espaço plural”.

“Atrás da cortina não há nada para ver”, Hegel diz ironicamente em algum lugar, a menos que “nós” próprios possamos ir para atrás da cortina para que alguém possa ver e para que haja algo para ver. No espaço, ou atrás do espaço, não há substância desconhecida ou mistério. E, no entanto, a transparência engana, tudo se esconde: o espaço é falacioso. Sua armadilha reside precisamente em sua transparência. Portanto, há algo mais do que um jogo de reflexos e espelhos: um jogo de poder e de saber que [só] percebemos ao entrar no espaço, após ter fechado a cortina (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 324).

Na medida em que o espaço abstrato se porta como uma *aparência* é que podemos perceber como são perigosas as suas intenções. Não se trata de um espaço dado, mas de um espaço de poder, onde as arestas entre os exploradores e os explorados nem sempre são aparadas. As pessoas comuns encontram no espaço abstrato um espaço de armadilhas, de estratégias para que não haja nenhum tipo de alteração social. Pontualmente, podemos assegurar que esse espaço surge com o capitalismo e tem na Era Industrial seu par temporal. O espaço abstrato é produtor e é produto; é representação do espaço e, ao mesmo tempo, é um espaço de representação; tanto pode conter ações práticas quanto reservar-se ao campo das imagens e dos símbolos; pode ser vivido e representado (como o absoluto), mas pode ser estimulante e coercitivo [LEFEBVRE, 2013 [1974]].

Nesse sentido é que, doravante, destacaremos as *representações do espaço* e sua correlação com o *espaço concebido* (ver esquema 1) como características do *espaço abstrato* e seu duplo temporal, a *Era Industrial*.

Representações do espaço é um conceito direcionado aos planejadores e planeadores do espaço, sejam engenheiros, arquitetos, industriais, governantes etc.. Todos aqueles que ordenam e organizam o espaço, por meio da idealização de bairros,

ruas, muros e estradas se inserem nessa conceituação. Muitas vezes, a forma antecede a função e os espaços que, por sua vez, deveriam ser pensados para os caminhantes são produzidos para os expectadores do espaço. Assim, a vida dos caminhantes se torna mais difícil na medida em que quase nada que existe foi pensado para eles, sejam as praças, as moradias ou os serviços básicos. Dessa forma, o direito à cidade é invariavelmente retirado da maior parte da população e, com ajuda do espaço percebido, constantemente, as pessoas são ludibriadas e acreditam ser pertencentes a um espaço que já *não* lhes abarca. No entanto, o espaço concebido não é inteiramente ruim. Não existe essa dualidade entre o bom e o mau, pois esse modo de viver também pode desvelar-se e se mostrar como um espaço de negação e de rejeição às imposições dos tecnocratas. Em outras palavras, o concebido pode ser o “espaço do basta!”, da revolução.

A natureza, como o espaço, com o espaço, é simultaneamente posta em pedaços, fragmentada, vendida por fragmentos e ocupada globalmente. É destruída como tal e remanejada segundo as exigências da sociedade neocapitalista. [...] Em contrapartida, a raridade do espaço, nas zonas industrializadas e urbanizadas, contrasta com o vazio dos espaços ainda desocupados, os desertos terrestres e os espaços interplanetários; a carestia do espaço, assim ocupado e rarefeito, é um fenômeno recente, com consequências cada vez mais graves (LEFEBVRE, 2008 [1972], p. 54).

Uma das principais problemáticas do *espaço abstrato* abarca a relação entre a apropriação e a alienação entre as pessoas e o espaço. Mesmo as praças, que são espaços idealizados pelos projetistas, arquitetos e urbanistas (espaços concebidos), não são mais tão ocupadas como deveriam. Ao olharmos a maioria das cidades do Brasil, percebemos que esses espaços de lazer se tornaram espaços vazios, assustadores e sinônimos de periculosidade. O espaço social não foi projetado para usufruto das pessoas, já que a cidade se tornou um conglomerado de muros e tudo que está além desses muros passa a ser temível. Não é raro percebermos a quantidade de condomínios luxuosos que possuem “tudo” no interior de seus muros, desde academias, salões de festas, piscinas, parques e até campos de futebol, quadras de esportes etc. Esse cenário possibilita o esvaziamento dos espaços da cidade e a criminalização daqueles que não pertencem a esses muros. As praças e outros lugares públicos se tornam apenas narrativas vazias e sem sentido de espaços que deveriam ser *ocupados, usufruídos e vividos*.

“Outrora, o ar e a água, a luz e o calor eram dons da natureza, direta ou indiretamente. Esses valores de uso entraram nos valores de troca; seu uso e seu valor de uso, com os prazeres naturais ligados ao uso, se esfumam; ao mesmo tempo e que eles se compram e se vendem, tornam-se rarefeitos” (LEFEBVRE, 2008 [1972], p. 54). O espaço abstrato nos tirou a relação com a vivência no espaço. No espaço concebido, a palavra do habitante passa a não ter valor e nem sentido; os transeuntes apenas se deslocam entre suas casas e seus espaços de trabalho (geralmente no interior dos muros) e a cidade se separa entre quem está dentro dos condomínios e quem está fora destes.

É preciso destacar que as barreiras atuais apresentam alguma semelhança com os muros do passado, das épocas de quando as cidades eram cercadas. Havia ali uma estratégia de defesa militar para proteção do povo e da cidade, seja de saqueadores ou de conquistadores. Hoje, em nossa sociedade, nota-se que os pobres foram legados a esses papéis de invasores, enquanto a elite, por sua vez, julga-se pertencente à classe dos soldados ávidos por protegerem seu patrimônio, sob a desculpa de serem “civilizados”.

A exploração não surge com o capitalismo, mas é inegável que seu modelo cruel de alienação suga todos os direitos a partir da Era Industrial; Lefebvre almeja a superação deste tempo/espaço, ou seja, a superação do engessamento da criatividade imposto pelo capitalismo, por meio de um novo espaço, o diferencial. De toda forma, não é possível, simplesmente, ignorar o espaço abstrato e passar a viver no espaço diferencial, uma vez que somos nós os produtores do espaço e, portanto, os reprodutores de suas relações de produção.

Quando Lefebvre (2013 [1974], p. 86) afirma que “o espaço (social) é um produto (social)”, além de estar a nos dizer que o espaço não é vazio, ele diz que nós somos os responsáveis pelas suas produção e reprodução, ou seja, que nós somos o preenchimento do espaço. Ele tece duras críticas aos tecnocratas, arquitetos, projetistas e ao Estado que, despreocupados com os habitantes, muitas vezes agem mais pensando na forma do que na função, ou seja, no uso²¹. De toda forma, a classe operária, a qual pertence a maior parte da população mundial, embora nem sempre se identifique com tal

²¹ A cidade de Brasília é um bom exemplo dessa crítica de Lefebvre às preocupações formais e não funcionais.

classe, é também responsável e reprodutora dos comportamentos reprováveis e ultrajantes presentes no espaço abstrato a partir do capitalismo. Em outras palavras, conforme acentua Lefebvre (2008 [1972], p. 55), “toda sociedade produz ‘seu’ espaço, ou, caso se prefira, toda sociedade produz “um” espaço”.

A produção do espaço “indica um passo adiante na reflexão arquitetônica e urbanística, ultrapassando esses setores e referindo-se ao conjunto da sociedade. Ela quer dizer que não consideramos o espaço como um dado *a priori*, seja do pensamento (Kant), seja do mundo (positivismo). Vemos no espaço o desenvolvimento de uma atividade social” (LEFEBVRE, 2008 [1972], p. 55).

O espaço abstrato compreende a supremacia do valor de troca em relação ao valor de uso; da supressão da natureza em relação à mercadoria. Trata-se do que Marx definiu no *Capital* como “fetichismo do consumo”, quando tudo passa a ser objeto de valor e quando a mercadoria se apresenta como superior à força de trabalho daqueles que a idealizaram. Trata-se de um espaço que tenta, sobretudo, controlar tudo e todos na medida em que é repressivo, reducionista, hierarquizante e segregacionista. Na medida em que tenta ser homogeneizante, apresenta-se como um espaço que procura reduzir as contradições históricas e, além disso, apagar o seu passado, colocando-se como uma invenção nova e sem quaisquer relações com o espaço absoluto que o precedeu. O valor de troca apresenta-se como única alternativa possível. “O surgimento e a formação do espaço abstrato não podem ser datados, não podemos nos referir a eventos ou instituições definidas, mas no final do século XX seus resultados estão aí” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 326).

4. OS POSSÍVEIS: O ESPAÇO DIFERENCIAL

“Não confundam a tempestade com a meteorologia. Sou o meteorologista, mas não sou eu quem faz a tempestade”.

Henri Lefebvre, 1972²².

A **prática espacial** é, sobretudo, contemporânea. Trata-se de um fenômeno do tempo no qual vivemos, ou seja, um período no qual lidamos com o dinheiro, com o valor de troca, com as experiências materiais de múltiplas naturezas, com o trânsito das pessoas entre cidades e países, com a comercialização da fé, com o jogo, com a festa, com relacionamentos amorosos e com a cotidianidade. As práticas espaciais, assim sendo, correspondem ao **espaço percebido** que, por sua vez, “está relacionado diretamente aos objetos e aos fenômenos imediatos, carecendo de elaborações simbólicas de cunho complexo. É o campo dos perceptos, embora haja, já aí, o início da incorporação dos objetos e dos fenômenos às estruturas cognitivas”. (SERPA, 2005, p. 222). Grosso modo, tudo com o que lidamos em nossas vidas cotidianas faz parte do espaço percebido. É por meio deste espaço que o capitalismo, *e.g.*, tenta nos vender produtos ou mesmo nos transformar em produtos.

Tudo o que é material passa a ser objeto de prazer no espaço percebido. Essa mercantilização integral da vida é assegurada pela ostentação e pelas propagandas. Assim, tudo passa a ser desejo/decepção, desde os espaços de prazer — como os cassinos e os bares — até mesmo uma roupa que determinada atriz veste em uma novela exibida na televisão, que se torna um fenômeno de vendas e de massificação da moda. Nesse sentido, importa comprar o produto, seja ele original ou oriundo das indústrias de produtos piratas; seja uma joia em ouro produzida em uma joalheria ou uma réplica desta produzida como uma simples bijuteria. Dessa forma, interessa destacar que o espaço percebido tem o poder de massificar pobres e ricos em torno de um só estilo de vida. No

²² Frase retirada do livro “Espaço e Política” (2008 [1972], p. 78).

entanto, o espaço percebido não é necessariamente ruim, pois com ele é que se pode lutar contra a alienação. Por meio dele, é possível lutar contra ele na medida em que nos recusamos a integrar a sociedade da forma como ela se apresenta. O percebido, então, é também uma forma de recusa e de libertação.

A partir da **prática espacial** e do **espaço percebido**, Henri Lefebvre conceitua o nosso tempo-espaço como **Era Urbana** e **Espaço Diferencial**. Doravante, iremos apresentar como essa conceituação faz parte do que Henri considera ser a *utopia do possível*.

Lefebvre acredita na superação do espaço abstrato pelo espaço diferencial que, por sua vez, corresponde à Era Urbana, quando o lúdico assume seu lugar e a criatividade ganha sobrevida por meio das práticas espaciais. Ele acredita que essas conquistas se correlacionam com a vida urbana, sobretudo por meio da superação das homogeneidades do espaço abstrato e pelo direito à heterogeneidade. Nesse sentido, a práxis lefebvriana não reivindica o direito à igualdade, mas o direito à diversidade, algo que ocorrerá por meio daquilo que Lefebvre (1968; 1970) denominou de “revolução urbana”.

O espaço diferencial é utópico, mas para Lefebvre a palavra *utopia* não carrega o mesmo sentido que possui em Platão. A *utopia lefebvriana* pode ser apresentada como um objetivo possível, uma vez que é oriunda da práxis e da reconquista constante da cidade pelos seus habitantes.

O espaço abstrato, apesar de sua negatividade (ou melhor, em razão dessa negatividade) engendra um novo espaço, o diferencial. A razão pela qual podemos chamá-lo assim reside no fato de que o espaço abstrato tende à homogeneidade, reduz as diferenças ou particularidades existentes enquanto o novo espaço não pode surgir (ou produzir-se) sem acentuar as diferenças. O que esse espaço abstrato separa se torna unido em virtude no novo espaço diferencial: as funções, os elementos e momentos da prática social (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 110-111).

Em outras palavras, a história, em sua longa duração, possui três eras²³, a Terceira Era é aquela de superação de parte do capitalismo, ou seja, trata-se do momento mais esperado, da superação da reprodução das relações de produção — trata-se da festa,

²³ Para lembrarmos: Era Agrária (espaço absoluto), Era Industrial (espaço abstrato) e Era Urbana (espaço diferencial).

da criatividade, do direito ao choro e ao riso. Entretanto, no interior de cada um dos três espaços coexistem um sem número de contradições. O espaço diferencial, por exemplo, não é o futuro, assim como o espaço absoluto não é o passado. “Cada lugar e cada momento não têm existência exceto dentro de um conjunto, pelos contrastes e oposições que os ligam aos outros lugares e momentos dos quais se distinguem” (LEFEBVRE, 1970, p. 53-54). Cada espaço é repleto de contradições, de uma riqueza dialética que é o único motor capaz de conduzir os rumos da história.

Não é possível que, em dado momento, a sociedade possa gerar (produzir) um espaço social adequado, onde ele adquira forma apresentando e representando a si próprio, mesmo que não coincida com ele, mesmo que esse espaço seja tanto seu túmulo quanto seu berço. **Estamos falando de um processo.** Para que isto aconteça, é necessário [...] que a capacidade prática desta sociedade e seus poderes soberanos disponham de locais privilegiados: lugares religiosos e políticos (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 93; realce nosso).

É fulcral à construção e ao entendimento do desejado espaço diferencial, considerarmos que Henri defende a supremacia da *qualidade* em oposição total à *quantidade*. Esse aspecto é interessante porque, na *Produção do Espaço*, ao refletir sobre as distorções do espaço, Henri defende que a reprodução das relações de produção, além de transformar as *obras* em *coisas*, sublima e bloqueia toda a criatividade necessária à idealização de uma vida cotidiana plena em direitos. Nesse sentido, por meio da apropriação é que são os seres sociais que deverão atuar como defensores e construtores do pensamento criativo. É claro que Lefebvre não está a defender o fim da técnica; não se trata disso. Trata-se tão somente de refletir sobre como a técnica atua como um mecanismo de dominação, ao passo que a técnica usada com criatividade é um dos meios para que a sociedade possa se apropriar da realidade, deixando de ser dominada pelos governos, pelos tecnocratas, pela extrema especialização e pela mídia e passe a ser parte criadora de sua própria realidade.

Henri dispõe, em lados opostos, as forças de dominação e as de apropriação, que estão em constante luta no espaço diferencial. A apropriação é o que pode nos conduzir à revolução total (o fim do estado, conforme Karl Marx). Como partes formantes da dominação, temos: “a empresa, o estado, as instituições, a família, o *establishment* e a ordem estabelecidos, corporações e corpos constituídos de todos os tipos”. Ao passo que ao lado da apropriação, têm-se “formas diversas de autogestão, unidades territoriais e

produtivas, comunidades, elites que desejam mudar vidas e tratam de subjugar instituições políticas e os partidos” (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 423).

Podemos afirmar que o **espaço abstrato**, tomado em conjunto com as forças que nele operam, algumas das quais o mantêm enquanto outras o modificam, implicam efeitos de falsa consciência e ideologia. Fetichizado, redutor de possibilidades, encobridor de conflitos e diferenças pela ilusão de coerência e transparência, o espaço abstrato opera ideologicamente. Não deriva de uma falsa consciência ou ideologia, mas de uma prática. Ele mesmo gera sua própria adulteração (LEFEBVRE, 2013 [1974], p. 423-424).

As forças de dominação que atuam no espaço abstrato tentam, a todo momento, gerir a alienação das classes sociais, por meio da estética, da propaganda e da mídia. Notamos tais forças quando voltamos nosso olhar para as sociedades atuais, quando percebemos, muitas vezes, que a classe trabalhadora confunde-se e passa a defender os capitalistas — e ninguém está isento disto. Tenhamos em mente, portanto, que a oposição **espaço abstrato versus espaço diferencial** é, em outras palavras, a diferenciação entre tecnocratas capitalistas e o povo. Os dominadores do espaço abstrato orquestram a alienação das liberdades de forma intencional e ideológica. Eles não são inocentes em relação às suas formas de operacionalidade. Já o povo, refém das necessidades impostas pelo capitalismo, geralmente não percebe que é ele próprio que engendra a reprodução das relações de produção.

É exatamente por isso que transformar o espaço abstrato em espaço diferencial é mais difícil do que o contrário. Verificamos isso quando percebemos, por exemplo, todas as inversões orquestradas pelos dominadores no Brasil ao longo da década de 2010. E tais dominadores não são somente brasileiros; tratam-se de forças internacionais poderosíssimas, contra as quais só é possível lutarmos quando percebermos o nosso lugar de povo. Em conclusão, podemos então afirmar que se o espaço absoluto (Era Agrária) parece ser algo superado pelo capitalismo e sua Era Industrial, ainda falta muito para conseguirmos uma total superação e dissolução do espaço abstrato. Lefebvre nos pediu luta e otimismo, para que nossas vitórias e conquistas coletivas e individuais não se percam em meio ao obscurantismo que se apresenta em quase todos os domínios do

espaço percebido. Como sempre dizia Lefebvre, “o possível só é possível quando buscamos o impossível”²⁴.

²⁴ Frase de uso comum de Lefebvre, não havendo uma referência específica.

ANEXO I:

QUADRO DE TRÍADES ASSOCIADAS

}	Forma	}	Abstração	}	Sintagma	}	Dogmatismo
	Estrutura		Redução		Paradigma		Nilismo
	Função		Restituição		Símbolo		Relativismo
}	Todo	}	Centralidade	}	Empirismo	}	Globalidade
	Contradição		Periferia		Especulação		Crítica
	Possibilidade		Mediação		Teoria		Utopia
}	Conhecimento	}	Positivismo	}	Deslocamento	}	Saber
	Inconsciência		Negativismo		Substituição		Ter
	Ignorância		Superação		Representação		Poder
Pensamento:	}	Analítico	}	Práxis	}	Melodia	
		Positivo		Doxa		Ritmo	
		Operatório		Poiesis		Harmonia	
}	Coisa	}	Presença	}	História	}	Filosofia
	Produto		Ausência		Espaço		Cientificismo
	Obra		Representação		Mundialidade		Metafilosofia
}	Identidade	}	Sujeito	}	Primeira Natureza	}	
	Contradição		Objeto		Segunda Natureza		
	Diferença		Unidade		Produção		

Parte deste quadro está disponível em: LEFEBVRE, Henri. **La presencia y la ausencia**: contribución a la teoría de las representaciones. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983 [1980], p. 162.

ANEXO II:

LINHA CRONOLÓGICA DA VIDA DE HENRI LEFEBVRE

1901 Henri Lefebvre nasceu em 16 de junho, em Hagetmau (Landes), França.

1907 Estudou na escola *Saint Charles de Saint Briec*, em um curso preparatório para engenharia naval. Aos 17 anos, passou a estudar no *Lycée Louis-le-Grande*, em Paris, onde leu Nietzsche, Spinoza e Schopenhauer, enquanto continuava seus cursos de piano.

1918 Por motivos de saúde, mudou-se para *Aix-en-Provence*, onde começou a estudar Filosofia sob a tutela de Maurice Blondel, um tomista ortodoxo. Realizou leituras dos teólogos desviantes (Joaquim de Fiore...).

1919 Obteve o Diploma de Estudos Superiores em Filosofia, na Sorbonne (Paris). Junto com Georges Politzer, Pierre Morhange, Georges Friedmann e Norbert Guterman, ele criou o Círculo de Filósofos. Mais tarde, Paul Nizam juntou-se ao grupo.

1924 O Círculo de Jovens Filósofos fundou a revista *Philosophies*, que se definiu em torno da rejeição das concepções filosóficas dominantes e, a seu ver, anacrônicas: o intelectualismo de Léon Brunschvicg e a pura interioridade de Bergson. Realizou leituras de Schelling, Proust, Novalis... Eles estabeleceram uma relação com Eluard, Breton, Aragon e os surrealistas. Lefebvre escreveu um artigo sobre *Os sete manifestos Dada*. Relacionou-se com Tristan Tzara e Max Jacob. Com Breton, eles descobriram Hegel e, por extensão, Marx.

1925 Lançou um polêmico manifesto do círculo e dos surrealistas contra a Guerra Colonial do Rife (Marrocos).

1926 Ano de criação da revista *L'Esprit*; Lefebvre tinha a convicção de que a filosofia era capaz de atualizar e de transformar a vida, em face da revolução poética dos surrealistas.

1927 Ao retornar do serviço militar no Norte da África, ele começou a trabalhar como operário na Citroën e como motorista de táxi em Paris.

1928 Aderiu ao Partido Comunista, que se portava mais como um movimento alimentado por elementos heterogêneos e anarquistas, do que um aparato organizado. O círculo deu

origem a *La Revue marxiste* — de existência efêmera, por pressão do partido —, a primeira revista francesa a reivindicar-se com esse nome.

1929 Lecionou no *Liceo de Privas*. Iniciou uma fase de militância centrada na tradução, divulgação e estudo do pensamento de Marx, Engels e Lênin. Realizou pequenos estudos sociológicos sobre as condições de trabalho nas fábricas têxteis do lugar. O PCF enviou esses estudos à URSS, onde o Pravda as publicou sem o seu nome. Em Privas, ele fundou os *Cahiers du contre-enseignement*.

1930 Ele proferiu algumas palestras na Sorbonne a pedido das associações de estudantes de esquerda.

1932 Professor do *Liceo de Montargis*. Entre seus alunos estava Henri Raymond. Fase de ativismo político em nível municipal.

1935 Viajou para os EUA, onde Norbert Guterman residia; e lá descobriu os escritos da Escola de Frankfurt. Leu a *History and Class Consciousness*, de Lukács e obras de Horkheimer. Nessa época, ele lançou a revista *Avant-Poste*, uma resposta filosófica ao desafio político (a revolução, a ascensão do fascismo na Itália e na Alemanha). Em *Avant-Poste*, também foram publicados os primeiros capítulos de *La Conscience mystifiée* (1936), escrito com Guterman, onde, em seu primeiro confronto com Heidegger, levantou-se o problema das representações invertidas da realidade, da manipulação da consciência e da alienação do proletariado. O livro foi mal recebido pelo Partido. Após sua desqualificação (o velho camarada Politzer, em sua tendência dogmática, lhe dedicou comentários insultuosos).

1940 Deixou *Montargis* e passou a lecionar no *Lycée de Saint-Étienne*.

1941 Suspenso como professor pelo regime de Vichy, sob as leis contra comunistas, judeus e maçons. Foi incluído na lista Otto de livros proibidos, durante a ocupação alemã.

1941-44 Foi capitão da FFI (Forças Francesas do Interior) em Toulouse. Refugiou-se nos Pirineus. Voltou à Bearn, sua terra natal, e aproveitou a oportunidade para coletar informações e documentar a cultura camponesa no Vale do Campan (a pedido de Henri Rivière, um faz-tudo do Museu de Artes e Tradições Populares).

1945 Responsável pelo serviço cultural da Rádio Toulouse enquanto lecionava na Escola de Guerra.

1947 Foi reintegrado na Educação Nacional, nomeado professor no *Lycée de Toulouse* e deu palestras no grande anfiteatro da Sorbonne. Gurvitch o recrutou para o *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), que estava em constituição. Compartilhou com Edgar Morin um escritório na *Rue Varenne*. Lefebvre publicou uma dezena de artigos em *Les Cahiers Internationaux de Sociologie*, editado por Gurvitch. Começou um período de trabalho intenso e fecundo. Retomou o trabalho de sociologia rural e passou a delinear sua reflexão sobre o cotidiano, publicando, em 1947, o primeiro volume de sua famosa trilogia sobre o tema. De 1947 a 1955, Lefebvre publicou diversos estudos sobre os grandes escritores franceses (Pascal, Diderot, Musset, Rabelais) que, longe de constituírem derivações literárias, procuraram aprofundar a compreensão do materialismo dialético atento à formação das ideias e ao seu papel no desenvolvimento do mundo.

1943 Foi excluído do CNRS e, posteriormente, reintegrado.

1954 Fez doutorado, com tese onde dá forma à sua investigação sobre o Vale do Campan. Nomeado *Maître de Recherche* do CNRS. Assinou o manifesto dos 121 à favor da causa argelina. Durante todo esse tempo, seu estudo e disseminação do marxismo lhe renderam certa fama dentro do partido e, a certa altura, ele se tornou um intelectual de referência para o PCF. Contudo, não perdeu a oportunidade de atacar, a partir desse reconhecimento, outras leituras concorrentes do marxismo — especificamente, e cruelmente, o existencialismo de Sartre. Mas a verdade é que os atritos permaneceram mais ou menos latentes desde que o PCF se tornou o “partido hegemônico das vítimas e dos vencedores”.

1957 Os atritos com o partido comunista se tornaram cada vez mais intensos. Seus estudos sobre o campesinato introduziram questões inoportunas, como a questão do aluguel da terra e sua contribuição para a riqueza — que o partido interpretava em termos de uma preocupação ricardiana, e não marxista — e a estratégia capitalista em torno do espaço rural e da esfera agroalimentar. Essa questão atualizou a polêmica de Lyssenko e a diferenciação stalinista entre a ciência burguesa e a ciência proletária que Lefebvre desafiou em *Lógica formal, lógica dialética*. A luta dentro do partido se referia à disputa entre um aparato imobilista e dogmático e aqueles que buscavam colocar em movimento o pensamento de Marx, e denunciar a deriva de uma “ditadura sobre o proletariado”. Mesmo antes do famoso relatório de Khrushchev sobre o culto à personalidade de Stalin,

os excessos cometidos já eram conhecidos: o gulag, os expurgos, o assédio a Tito, a ocupação da Hungria... Depois de acessar uma cópia, através dos socialistas alemães, do relatório de Khrushchev ao XX Congresso do PCUS, Lefebvre foi acusado de falsidade pelo Partido Comunista Francês. Foi excluído da redação da crítica do *La Nouvelle* e, um ano depois, suspenso do quadro de membros do PCF. Decidiu se excluir do partido. Escreveu sua autobiografia intelectual em *La Somme et le reste*.

1960 Como Diretor de Pesquisa do CNRS, passou a constituir grupos de pesquisa, entre eles um sobre o cotidiano. Manteve contato com Debord, com a Internacional Situationista e com o grupo COBRA (de Dotremont e Nieuwenhuys).

1961 Nomeado professor de Sociologia em Estrasburgo, apoiado por Georges Gusdorf. Apesar da chegada tardia, voltou-se para o ensino superior e deu início a uma de suas fases mais produtivas (30 livros). Pesquisou sobre o cotidiano e a cidade. Mais tarde, ele fundou o Instituto de Sociologia Urbana.

1965 Professor nomeado de Sociologia em Nanterre (Paris X). O anfiteatro comportava os 2.000 alunos que faziam seu curso. Publicou a *Comuna de Paris*, chave para seu rompimento com os situacionistas franceses devido a uma acusação de plágio e novos ataques do partido, pois afirmou que o marxismo não era mais revolucionário nos países socialistas. Entre seus assistentes, nessa época, estavam Jean Baudrillard, René Loureau e Henri Raymond.

1971 Professor da Escola Nacional de Belas Artes (Arquitetura).

1973 Aposentou-se, embora não tenha abandonado as pesquisas. Realizou viagens, conferências, seminários e escreveu muitos livros.

1984 Foi diretor da revista *Mouvements*.

1991 Depois de se recolher na antiga casa da família, em Navarrenx, após 30 anos de residência na *Rue Rambuteau*, em Paris, Henri Lefebvre morreu no Hospital Orthez, na noite de 28 para 29 de junho. Ele está enterrado no cemitério de Navarrenx.

Linha cronológica retirada de: BUITRAGO, Álvaro Sevilla; PEÑA, Fernando Roch; GÜELL, José Miguel Fernández. Editorial: Espectros de Lefebvre. *Urban*, Set. 2011- Fev. 2012, Ns 02. p. 9-10.

REFERÊNCIAS

BUITRAGO, Álvaro Sevilla; PEÑA, Fernando Roch; GÜELL, José Miguel Fernández. Editorial: Espectros de Lefebvre. **Urban**, Set. 2011- Fev. 2012, Ns 02. p. 9-10.

BUTLER, Chris. **Henri Lefebvre: Spatial Politics, Everyday Life and the Right to the City**. New York: Routledge, 2012.

COSTES, Laurence. Del “derecho a la ciudad” de Henri Lefebvre a la universalidad de la urbanización moderna. **Urban**, artículos y notas de investigación / articles and research notes, N° 2, set. 2011 – fev. 2012, 2012.

ELDEN, Stuart. **Understanding Henri Lefebvre: Theory and the Possible**. London/New York: Continuum, 2004.

ENTRETIEN AVEC HENRI LEFEBVRE. Realização de Michel Régnier. [S.I]: **L’Office National Du Film Du Canada**, 1972. Son., P&B. Série Urbanose. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z4klH4Hz3yg>. Acesso em: 05 nov. 2020.

FERNANDES, António Teixeira. O espaço social e suas representações. Porto: **VI Colóquio Ibérico de Geografia**, 1992. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo6661.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2020.

HESS, Rémi. Présentation de la troisième édition. In: LEFEBVRE, Henri. **Du rural à l’urbain**. Paris: Anthropos, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Tradução de Sérgio Martins e revisão técnica de Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008 [1970].

_____. **De l’Etat**. Paris: Union Générale d’Éditions (4 volumes), 1978.

_____. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008 [1972].

_____. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969 [1962].

_____. **Introduction to Modernity: Twelve Preludes September 1959-May 1961** (Translated by John Moore). London/New York: Verso, 1995 [1962].

_____. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1983 [1980].

- _____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].
- _____. **Révolution urbaine**. Paris: Gallimard, 1970.
- _____. **La somme et le reste**. Paris: Meridiens Klincksieck, 3rd edition, 1989 [1959].
- _____. **L'irruption de Nanterre au sommet**. Paris: Editions Syllepse, 1998 [1968a].
- _____. **Toward an architecture of enjoyment**. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2014.
- _____. **Vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991 [1968b].
- LOREA, Ion Martínez. Henri Lefebvre y los espacios de lo posible. In: **La Producción del Espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013, p. 9-30.
- MARTINS, José de Souza. **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- SCHMID, Christian. A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma Dialética Tridimensional. **GEOUSP** espaço e tempo, São Paulo, N°32, p. 89- 109, 2012.
- SERPA, Ângelo. Por uma geografia das representações sociais. **OLAM - Ciência & Tecnologia**. Rio Claro/SP, Brasil Vol. 5 No 1 Pag. 220 Maio / 2005. Disponível em: <http://www.esplivre.ufba.br/artigos/AngeloSerpa_Olam5_2005.pdf> Acesso em: 15 nov. 2020.
- SOJA, Edward. **Thirdspace: Journeys to Los Angeles and other real-and-imagined places**. Cambridge: Blackwell, 1993.